



ESTADOS UNIDOS

Câmara aprova ajuda bilionária à Ucrânia

União Europeia e Aliança Atlântica comemoram iniciativa. Megapacote de US\$ 95 bilhões inclui verbas para Israel e Taiwan

Após três meses de negociações e de reiterados apelos do presidente Volodymyr Zelensky, a Câmara dos Representantes dos Estados Unidos aprovou, ontem, uma ajuda militar de US\$ 60,8 bilhões (em torno de R\$ 316 bilhões) à Ucrânia, que enfrenta um momento crítico no conflito com a Rússia. O auxílio consta de um megaprojeto avaliado em US\$ 95 bilhões (R\$ 493 bilhões), dos quais US\$ 13 bilhões (R\$ 67,5 bilhões) serão destinados a Israel e US\$ 8 bilhões (R\$ 41,6 bilhões) a Taiwan. O Senado deve ratificar a proposta na próxima terça-feira.

O presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, elogiou a união de deputados democratas e republicanos para responder ao chamado da História. “Esse pacote vai proporcionar um apoio crucial a Israel e à Ucrânia; fornecerá a ajuda humanitária desesperadamente necessária a Gaza, Sudão, Haiti e outros lugares, e reforçará a segurança e estabilidade no Indo-Pacífico”, ressaltou.

Líderes da Otan e de várias instituições da União Europeia, além de Zelensky, também celebraram a ajuda a Kiev. Por sua

vez, a porta-voz da chancelaria russa, Maria Zakharova, publicou no aplicativo Telegram que o pacote triplo de ajuda “vai exacerbado as crises mundiais”.

Discordância

Washington tem sido o principal apoiador militar da Ucrânia, mas o Congresso está há quase um ano e meio sem aprovar um financiamento em larga escala para a ex-república soviética, invadida por Moscou de 2022. O Partido Democrata, de Biden, era a favor de conceder mais ajuda, porém os republicanos mostraram-se hesitantes em financiar a guerra e condicionaram o pacote a uma política migratória mais estrita.

Em pleno ano eleitoral, o assunto se tornou um duelo à distância entre Biden, candidato à reeleição, e o ex-presidente americano Donald Trump, que está determinado a vencer o pleito de novembro e retornar à Casa Branca em 2025.

O plano de ajuda para Zelensky — principalmente militar e econômica — também autoriza Biden a confiscar e vender ativos russos, para que possam



Moradores abandonam um prédio atingido por mísseis russos na cidade ucraniana de Dnipro

ser usados no financiamento da reconstrução da Ucrânia, uma ideia que ganha adeptos em outros países do G7. O Kremlin havia afirmado que a ajuda aprovada pelos Estados Unidos “não

mudará nada” no front, mas Kiev insistiu em que precisa dessa verba.

O primeiro capítulo aprovado do projeto foi o destinado a Taiwan, com o objetivo de conter

as potenciais ameaças da China àquele território asiático. A verba será destinada para investimentos em submarinos e em outros meios de defesa.

Os US\$ 13 bilhões em ajuda

militar para Israel, um aliado histórico dos Estados Unidos, em guerra com o grupo islamita palestino Hamas, será usada, principalmente, para reforçar o escudo antimísseis. Segundo um resumo da proposta, há US\$ 9 bilhões (R\$ 46,7 bilhões) para “atender à necessidade urgente de ajuda humanitária em Gaza e outras populações vulneráveis em todo o mundo”.

TikTok

A Câmara também aprovou um condicionamento e uma eventual proibição do TikTok nos Estados Unidos. O projeto determina que a plataforma deve cortar seus vínculos com a empresa controladora chinesa ByteDance se quiser continuar operando nos Estados Unidos.

O TikTok apontou que a proibição “violaria a liberdade de expressão” de 170 milhões de usuários americanos. Washington acusa a plataforma de vídeo de permitir que Pequim use e manipule os dados dos internautas. Biden se comprometeu a assinar a lei assim que ela for definitivamente aprovada.

ORIENTE MÉDIO

Explosões em base militar iraquiana

Uma base militar no centro do Iraque, que acolhe tropas do Exército e do antigo grupo paramilitar pró-iraniano Hashd al Shaabi, agora integrado nas forças regulares, foi atingido por um bombardeio. Uma investigação foi aberta para determinar os responsáveis pela ofensiva, que, segundo autoridades iraquianas, deixou um morto e oito feridos.

Por meio de uma nota, a milícia informou que uma “explosão” havia afetado suas dependências na Base de Calso, na província de Babilônia, situada

50km ao sul de Bagdá. O comunicado acrescenta que o incidente deixou feridos e “perdas materiais”.

O grupo Hashd al Shaabi faz parte do aparato de segurança oficial do Iraque, mas reúne várias facções armadas pró-iranianas que realizaram ataques no país e na Síria contra soldados norte-americanos mobilizados no âmbito de uma coalizão antijihadista internacional.

Washington negou rapidamente qualquer participação de suas forças no bombardeio. “Os

Estados Unidos não realizaram ataques aéreos no Iraque”, indicou o Comando Militar para o Oriente Médio (Centcom) na rede social X.

Fontes do Ministério do Interior iraquiano destacaram que o bombardeio estava direcionado aos veículos blindados do Hashd al Shaabi. “A explosão alcançou o material, o armamento e os veículos”, informaram.

A ação, cuja autoria não foi reivindicada, ocorre em um contexto crítico no Oriente Médio derivado da guerra na Faixa de

Gaza entre Israel e o movimento islamista palestino Hamas, apoiado pelo Irã. Na madrugada de sexta-feira, ataques atribuídos a forças israelenses atingiram as proximidades de uma base militar em Isfahan, a terceira maior cidade iraniana, sem deixar vítimas. O Estado Islâmico minimizou o episódio.

No sábado anterior, Teerã havia lançado um ataque inédito com drones e mísseis contra o território israelense, em resposta a um bombardeio contra seu consulado em Damasco, na Síria.



O bombardeio destruiu depósito de armamento e veículos

Paulo Delgado



contato@paulodelgado.com.br

PERSAS E HEBREUS MAL GOVERNADOS

Obstinação não é energia; estúpidez não é firmeza. Imprevisibilidade e incerteza não justificam improvisação e violência. Os objetivos inaceitáveis dos governos atuais de dois dos mais simbólicos e admiráveis povos da antiguidade — persas e hebreus — são uma lástima política e uma vergonha moral. Combater, sobreviver e garantir a segurança de Israel e do Irã, não é o que move o radical Benjamin Netanyahu, nem o xiita aiatolá Khamenei. Desgastados, sem criatividade, transmitindo aos seus países seus instintos pessoais mais ferozes e sem a sabedoria que a história de seus povos ensinou, as vibrações ruins que deles emanam comprovam como no Oriente Médio é um retrocesso a mania de governos longevos, sem fim. A maior motivação dos

dois é se aproveitar da desordem mundial que tolera a equivalência moral entre o desejo do governante e os crimes que comete. Equação perversa de um mundo sem regulação internacional diante de uma ONU frágil e desmoralizada e da ascensão da criminalidade e do terrorismo.

Esse foi o primeiro ataque direto a Israel perpetrado pelo regime dos aiatolá iranianos. Tudo bem que o Irã organizou e divulgou o ataque de uma maneira que desse chance de Israel se programar, calcular os riscos, e se defender. O que Israel fez, aliás, de forma primorosa, com alguma ajuda de seus aliados. O contra-ataque contido de Israel, também ao decidir reagir sem massacrar, mostra que o governo de Netanyahu entendeu o recado de Khamenei e decidiu tratá-lo diferente

dos terroristas do Hamas. Os dois ataques, “cuidadosamente calibrados”, revelam a estranha interação entre dois tiranos e seus aliados internacionais. Quem não se incomoda de estar por fora da lógica de dois governos obsoletos, aconselho a não olhar para a realidade dos fatos, mas para as conexões que eles vão adquirir.

O Oriente Médio sempre nos ofereceu um cenário de risco e incerteza, entrelaçados cada vez mais dada a grande complexidade da disputa na região. Com isso, as companhias de seguro, que fazem da ciência de medir risco e da arte de avaliar incerteza sua vocação, estão sob grande pressão. Como assegurar de verdade a restituição de danos oriundos de destruição física causada em uma região cada vez mais vulnerável a conflitos?

Em tal contexto, como andam as mensurações acerca das perspectivas de risco para a geopolítica global balançadas pela conflagração no Oriente Médio? Compilada por Dario Caldara e Matteo Iacoviello, que trabalham para o FED, o Banco Central norte-americano, existe uma série que se baseia numa identificação de menções a situações que impactam risco geopolítico encontradas em 10 dos principais jornais de língua inglesa. Como esperado, o ataque iraniano a Israel produziu uma curva ascendente no índice. Todavia, não só a medida vem relativamente elevada desde o ataque do Hamas contra Israel em outubro de 2023, como, de fato, o índice permanece bem abaixo dos níveis mais altos atingidos logo após o ataque daquele outubro.

É evidente que uma conflagração total entre Irã e Israel não

serviria a nenhum dos dois lados. É um cenário péssimo para suas populações. Países herdeiros de duas grandes civilizações, a persa e a hebraica, Irã e Israel são re-féns de suas ofensivas estratégias de defesa. Se prevalecer a lógica de que a cada ataque — não importando quão bem-sucedido em causar estrago — couber um contra-ataque, os países serão capturados por uma espiral beligerante.

Enquanto a civilização hebraica é uma das principais raízes do mundo ocidental judaico-cristão, a civilização persa se organizou a partir de um dos mais complexos e poderosos impérios do mundo antigo. O império persa foi particularmente bem-sucedido em sua expansão territorial por conta da prática de poupar a vida das populações conquistadas e de seus líderes. Sendo também notória sua tolerância para com a pluralidade de manifestações culturais e religiosas ao

longo do império. Uma posição bastante diferente da praticada pela teocracia vigente em Teerã. Um regime, que, por sua intolerância e falta de apreço pelas liberdades individuais, não é nada bem-quisto pela diáspora iraniana mundo afora.

Já os judeus e cristãos que saíram da terra de Israel e se espalharam pelo mundo explicam a simpatia — e até comprometimento — que os países ocidentais tendem a ter com o democrático Estado de Israel. Ainda que o atual governo Netanyahu ponha essa simpatia à prova com sua fixação de permanência no poder à custa de métodos belicosos e pouco misericordiosos.

No momento, o risco de conflito entre Israel e Irã aumenta substancialmente dada a característica de suas lideranças. E isso envolve o mundo em esquecimento e incerteza.

PAULO DELGADO é sociólogo